

Encontros com a pesquisa: uma experiência sobre trabalho em saúde, tempo e fotografia

Meetings with the research: an experience on healthcare, time and photography

<http://dx.doi.org/10.5007/2178-4582.2015v49n2p75>

Jaqueline Tittoni e Jéssica Prudente

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, Brasil

Este estudo discute o trabalho em saúde, o tempo e a fotografia articulados para provocar o pensamento sobre os modos de trabalhar através da possibilidade de sustentar um tempo para olhar e refletir sobre o trabalho. Foi realizado junto aos trabalhadores de uma Unidade Básica de Saúde (UBS) no município de Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul. Problematizamos como a produção de imagens fotográficas pode funcionar como estratégia de provocação de olhares e de reflexões sobre o trabalho que muitas vezes é institucionalizado e enrijecido pelas dificuldades cotidianas na prática da atenção básica em saúde. Destacamos as estratégias agenciadas pela pesquisa intervenção e pela intervenção fotográfica, as quais produziram uma experiência tanto dos pesquisadores como dos sujeitos do território, que se misturaram na produção das imagens, provocando encontros e permitindo a produção de analisadores do processo. Esta pesquisa possibilitou olhares e reflexões sobre o trabalho, deslocando os sujeitos e convocando uma sustentação de um olhar, um tempo para pensar.

Palavras-chave: Trabalho. Tempo. Fotografia. Pesquisa Intervenção. Intervenção Fotográfica.

This study aims to discuss the work in health-care sector connected to the time and photography, in order to stimulate the thinking about the work by dedicating time to look and reflect about itself. The research was conducted with workers of a Basic Health Unit (UBS) in the city of Porto Alegre, Rio Grande do Sul state. We discussed how the production of photographic images can function as a stimulus strategy for viewing and thinking about the work that is often institutionalized and case-hardened by the daily difficulties related to the practice of basic health care. We highlight the strategies promoted by the intervention research and for the photographic intervention, producing an experience for both the researchers and the subjects of the territory, mixing themselves over the images production, leading to encounters and allowing the production of process analyzers. This research allowed work views and thinking, shifting the roles and calling for a support of a view, a time to think.

Keywords: Work. Time. Photography. Intervention research. Photographic intervention.

Contexto dos encontros com a pesquisa

Este estudo discute o trabalho em saúde, o tempo e a fotografia articulados para provocar o pensamento sobre os modos de trabalhar através da possibilidade de sustentar um tempo para olhar e refletir sobre o próprio trabalho. Provocar, neste caso, seria abrir nos espaços-tempos de trabalho, em geral formatados nas lógicas taylorizadas de controle de tempos e de prescritiva de movimentos, espaços de reflexão que pudessem permitir alguns olhares sobre o próprio trabalho e seus efeitos de produção de saúde e de vida. Ele

foi realizado junto aos trabalhadores de uma Unidade Básica de Saúde (UBS) no município de Porto Alegre e, nesta exposição, faremos um breve relato de como a produção de imagens fotográficas pode funcionar como estratégia de provocação de olhares e de reflexões. Além disso, esta intervenção mostrou-se uma forma importante de incidir sobre os modos de olhar o trabalho institucionalizado e, de certa forma, enrijecido pela repetição das tarefas e pelas dificuldades cotidianas do trabalho na atenção básica em saúde. Estas dificuldades, como veremos na sequência, dizem respeito as condições e ambientes de trabalho, rotatividade na composição das equipes, diferentes relações e vínculos de trabalho e as alterações provocadas por estratégias gerenciais, neste caso, ligadas ao controle do tempo e, sobretudo, do controle digital do tempo cronológico do trabalho. Linhas de visibilidade e de reflexão fundem-se para abrir algumas brechas para passagem de outros visíveis, inventados e produzidos fotograficamente, bem como das resistências que operam outros modos de viver o trabalho-tempo-produção.

Nesta trajetória da pesquisa analisamos a política pública, articulando os temas trabalho e saúde através da discussão sobre o tempo e seus efeitos nas experiências de trabalho. Também ressaltamos as relações que se podem estabelecer entre tempo e silêncio, espaço, ambiente de trabalho e a tensão entre imagem e enunciado. Destaca-se a concepção de trabalho como efeito de jogos de verdade e de condições de possibilidade de produção de sujeitos como trabalhadores e trabalhadoras, assim como de modos de trabalhar, tomando o pensamento foucaultiano como referência teórica e conceitual. A teoria opera com a prática e permite que a trajetória da pesquisa seja construída nas relações entre os sujeitos na experiência de pesquisa, abrindo espaços para os desvios, mudanças e alteridades que transformam o processo e os sujeitos.

Este estudo foi construído seguindo os pressupostos da pesquisa-intervenção e da intervenção fotográfica, sendo que o processo do pesquisar é o aspecto mais relevante. A pesquisa vai se delineando no processo do pesquisar, produzindo analisadores e marcadores que vão definindo um percurso singular na experiência e nas relações com aqueles que participam do processo. Como efeitos deste estudo, destaca-se a função da pesquisa como uma experiência, no sentido que Foucault aponta, como algo da ordem da transformação.

Das condições de possibilidade da pesquisa

Em primeiro lugar, importante ressaltar que a definição do local e realização deste estudo foi decidida em razão de que já havia um trabalho em andamento com outros setores deste equipamento de saúde. Este distrito de saúde – o distrito Glória, Cruzeiro e Cristal é um espaço de formação em serviço,

que acolhe várias atividades acadêmicas, em diversas áreas da saúde. Desta forma, trata-se de um trabalho em andamento, nas diferentes faces em que se apresenta e define-se através de demandas trazidas pela presença da universidade em diferentes espaços e situações. Esta presença – o estar presente e no presente – originou um pedido da gerência do serviço para acompanhar uma equipe de atenção básica em fase de transformação em uma equipe de saúde da família. O acompanhamento seria, justamente, deste processo de mudança e dos efeitos no trabalho em equipe. Assim, como um trabalho em andamento, este estudo teve sua primeira inserção na equipe no final do ano de 2010 e desenvolveu-se durante o ano de 2011, em acompanhamentos do trabalho da equipe, reuniões e a proposição de oficinas de produção e discussão de imagens.

Uma característica singular neste local era o fato de que a equipe trabalhava dividida em dois espaços físicos diferentes e distantes, ou seja, parte da equipe técnica trabalhava em um determinado local (Área 8) e a outra parte da equipe em outro (Área 10). A gestão do trabalho, durante os turnos da manhã e da tarde, era realizada por uma mesma coordenação para as duas unidades (8 e 10), efetuada por uma enfermeira.

O estudo foi direcionado para a equipe de trabalhadores da área 8, constituída pelos seguintes profissionais: dois (2) médicos pediatras; três (3) enfermeiras, sendo que uma destas é da Estratégia de Saúde da Família (ESF); duas (2) nutricionistas; quatro (4) técnicos de enfermagem; nove (9) auxiliares de enfermagem, totalizando vinte (20) trabalhadores. Além destes trabalhadores, a área 8 recebia muitos estagiários do curso de enfermagem e residentes do curso de medicina, os quais realizavam experiências de curto período no ambulatório e devido a constante mudança, não foi possível precisar este número de participantes. Aproximadamente vinte e três (23) pessoas destas categorias profissionais participaram da pesquisa, de forma alternada e variável nos encontros, com exceção dos médicos e residentes de medicina que não participaram em nenhum momento da pesquisa.

O trabalho neste local, muitas vezes chamado de “posto” pelos trabalhadores, era desenvolvido em equipes, nos turnos da manhã e da tarde. Nesse sentido, na organização do trabalho, essa divisão entre a manhã e a tarde foi pensada como uma forma de lidar com o tempo e funcionava como regulador dos modos de trabalhar e ordenador das relações. Há uma fala da gestão de que todos os trabalhadores constituem “uma” equipe, um grupo, mas o que se opera na prática é uma divisão, uma separação delimitada pelos turnos. Existe uma separação entre a área 8 e a área 10 e, dentro da área 8, também há divisões entre a manhã e a tarde, principalmente.

No que concerne ao trabalho do pesquisador com pesquisa intervenção, importante considerar os movimentos da equipe e seus modos de trabalhar de forma a criar estratégias de pesquisar e de abrir espaços para a reflexão sobre o próprio trabalho. A criação destes espaços foi a linha norteadora da experiência de pesquisa e mostrou que, por vezes, sustentar uma pesquisa é, também, sustentar um espaço de reflexão que envolve todos os sujeitos implicados neste processo. Pesquisar, assim, pode ser um ato de sustentar a reflexão e de abrir-se como um espaço-tempo em que as problematizações possam emergir como desejo e como necessidade. Este espaço-tempo, neste estudo, foi marcado pelos processos de transformação e mudança de um trabalho que vinha sendo realizado de forma semelhante havia muitos anos e este contexto exigiu um trabalho de si das próprias pesquisadoras, com a finalidade de conseguir sustentar ali alguma produção, algum tempo-espaço de olhar, de refletir e de se relacionar com os outros e consigo, em um contexto de trabalho fragmentado, individualizado e recortado.

A individualização era uma marca das relações nesta equipe, e mostrou-se como organizadora dos modos de trabalhar que eram fortemente técnicos e centrados na execução de procedimentos. Esta característica pode indicar os modos como os discursos técnico e higienista se agenciam nos jogos de verdade que compõe os modos de organizar o trabalho na saúde. Este agenciamento faz operar a técnica como norma e cria relações pouco afetivas entre os trabalhadores da equipe e entre eles e os usuários e usuárias do serviço. Adicione-se a isto, um modelo de gestão que reúne, no mesmo local de trabalho e fazendo atividades semelhantes, profissionais com vínculos totalmente distintos: funcionários públicos federais, estaduais e municipais, além de profissionais vinculados ao posto por contratação (celetistas) – principalmente os de ESF – e ainda, contratos emergenciais (em função da demanda).

As diferentes formas de contratação evidenciam uma fragmentação na composição desta equipe, que é anterior as possibilidades de relações entre as pessoas, pois já marca, desde o começo, uma diferença de vínculo e de benefícios entre os profissionais. A configuração fragmentada da equipe, com diversos regimes de trabalho, indica a precariedade dos vínculos e isso foi fotografado e apontado pela equipe como uma questão importante.

Entre o final do mês de maio e início do mês de junho de 2011 houve uma greve dos trabalhadores municipais da saúde. Em um dos primeiros dias de greve, uma trabalhadora ressaltou que havia, na gestão municipal da saúde, um processo de conversão e uma pressão para que os serviços da Atenção Básica se tornassem Estratégia de Saúde da Família. Ficou evidente a complexidade das relações de trabalho neste local, pois mesmo com a greve o “posto” continuava com suas atividades normalmente. Alguns trabalhadores

fizeram greve, mas não todos, pois os funcionários não municipalizados não estavam em greve. Assim, os trabalhadores pareciam não se reconhecer como uma categoria, o que indicava ser um fator potencializador da precarização e da individualização das relações de trabalho.

Uma questão também importante do ponto de vista da organização e gestão do trabalho foi a obrigatoriedade, para todos os trabalhadores, de formalização do seu horário de trabalho no ponto eletrônico, em função da instalação deste aparelho na área 8. A imposição deste equipamento que estava prevista para o ano de 2012 e teve seu início em setembro do ano de 2011, gerou efeitos conturbados. O incremento das ações de controle gerou insatisfação e indignação diante desta situação. Além disso, esta nova condição de regular o trabalho passaria, necessariamente, por um controle por parte da gestão da unidade, que deveria alimentar e atualizar o sistema frequentemente, ocasionando um aumento na demanda administrativa. O ápice dessas discussões e a instalação do ponto eletrônico ocorreram em um dia no qual estavam previstas oficinas da pesquisa no turno da manhã e da tarde. Os efeitos desta instabilidade foram visíveis durante o encontro com os trabalhadores, configurando uma discussão tensa sobre as imagens, em um clima de descontentamento com o trabalho.

Outro aspecto importante do trabalho neste local, enfatizado nas discussões e nas imagens, é a precariedade do espaço físico. Tomando o referencial foucaultiano (Foucault, 2002) sobre o espaço físico como discurso, podemos pensar na localização da área 8 e na sua relação com o “Postão” ou Centro de Saúde. O “Postão” parecia um hospital, repleto de andares, de escadas e de longos corredores com muitas salas fechadas. A área 8 podia ser resumida, na descrição do ambiente, como um corredor cheio de salas. Além disso, o acesso à área 8 era feito diretamente pela rua, sem entrar ou estabelecer contato algum com o “Postão”. Desta forma, a área 8 ficava independente do restante do Centro de Saúde. Esta localização da área 8 era um paradoxo, pois ao mesmo tempo em que permitia um contato direto com a rua, com a comunidade e com usuários, a lógica do trabalho não parecia ter essa abertura para as relações e vínculos preconizados pela política de saúde e organizava-se como um serviço hospitalar.

Neste período teve início uma reforma nas dependências da área 8 que já estava prevista há muitos anos e não havia acontecido, ainda. Esta mudança não foi restrita apenas aos aspectos de pintura e mudanças estéticas do ambiente, pois houve também uma redistribuição das salas, modificando o local e seus acessos. A entrada da área 8 foi invertida e esta nova disposição não permitia um acesso direto à rua (como antes), mas estava conectada às dependências internas do “Portão”. Esta reforma foi instável, pois parou e começou diversas vezes. Nesse contexto de mudanças, a exposição fotográfica (última intervenção da pesquisa que será explicitada mais adiante em função da im-

portância dos seus efeitos) inaugurou a nova entrada do posto depois da tão esperada reforma. Logo, a finalização da pesquisa e a inauguração da nova disposição espacial do local ocorreram concomitantemente.

Alguns fragmentos do diário de campo mostram como estes fatores foram tornando-se inquietações no processo de pesquisar: “lugar de vazio e de excessos, lugar de contradição, de confusão, de complexidades... Bancos vazios, portas fechadas, grades, escadas, chaves e longos corredores. Lá é difícil de encontrar lugares e pessoas e é fácil de se perder. Aonde eu fui me meter? O que eu vou fazer aqui? Que lugar é este e o que eu vou fazer? O caminho vai mostrar a paisagem e o importante é a trajetória, não o destino final, pois há um processo a ser vivido e construído “se caminhar bastante”. Lá é difícil de estar, de ficar, de permanecer. Sustentar algo neste espaço é trabalhoso. Por isso, insisto no processo, acreditando que o próprio caminho vai mostrar diversas possibilidades” (fragmento do diário de campo, p. 18).

Como a pesquisa aconteceu: metodologia e processo

O desenho metodológico deste estudo, que se desdobra nas práticas propostas pela pesquisa intervenção e pela intervenção fotográfica, é fundamentado na concepção de que a própria pesquisa constitui um exercício ético. A Pesquisa Intervenção amplia as bases teórico-metodológicas das pesquisas participativas (como a pesquisa participante e a pesquisa-ação), enquanto proposta de transformação da realidade sócio-política, promovendo e convocando uma intervenção micropolítica na experiência social (Aguiar e Rocha, 2003). Essa forma de pesquisar pressupõe constantes reformulações e deslocamentos que vão ocorrendo na construção do problema e do processo, juntamente com os sujeitos que constituem o campo de intervenção, na qual pesquisador e campo vão se transformando. É a experiência e o encontro que constituem o processo.

Entre os aspectos centrais que vêm norteando o desenvolvimento da pesquisa-intervenção, destacamos os seguintes: mudança de parâmetros de investigação no que tange à neutralidade e à objetividade do pesquisador, acentuando-se o vínculo entre gênese teórica e social, assim como a produção concomitante do sujeito e do objeto, questionamento dos especialismos instituídos, ampliando as análises do nível psicológico ao microssocial - deslocamento estratégico do lugar que historicamente foi destinado ao psicólogo e ênfase na análise da implicação. Acentua-se que, para além dos vínculos afetivos, profissionais ou políticos, a análise se realiza com as instituições que atravessam o processo de formação (Aguiar e Rocha, 2003, p. 71).

Nesse sentido, esse tipo de metodologia permite que o processo de pesquisar acompanhe os caminhos e desvios que vão sendo produzidos nos encontros entre os sujeitos. Entre as estratégias de registro de experiência e de análise destacam-se a análise de implicação, o diário de campo e o investimento no processo, que são importantes em toda a trajetória da pesquisa. Estas constituem modos de potencializar o exercício de si do pesquisador que acontece nos encontros que vão definindo a experiência do pesquisar. Os registros e relatos no diário de campo permitem análises sempre inacabadas, pois é possível rever a trajetória da pesquisa e produzir sentidos outros ao que foi vivido, dando condições para a análise de implicação e para a experiência.

Ressaltamos, neste estudo, a perspectiva da intervenção fotográfica (Tittoni, 2009), que, inserida na pesquisa-intervenção, busca problematizar/tensionar os modos de ver, de modo a provocar as éticas de ver e ampliar as possibilidades de olhar nas condições de visibilidade nos processos sociais e históricos. Em uma sociedade marcada pelas imagens, onde a imagem agencia estratégias de comunicação que convocam o olhar, a intervenção fotográfica coloca-se como possibilidade de tensionar os efeitos de poder que produzem linhas de visibilidade e invisibilidade, que constroem modos de subjetivação.

Qual a função da imagem como modo de intervenção neste estudo? Pode-se afirmar que a imagem enquanto fotografia, como exercício fotográfico, possibilitou uma intervenção no “tempo” e na “passagem”, pois implicou os trabalhadores no processo da pesquisa, convocando-os a produzir olhares e reflexões. Os trabalhadores fizeram muitas fotografias, permitindo a afirmação de uma produção a partir da visibilidade dos pontos de vista do trabalho nas fotografias. Esta foi uma das intervenções sustentadas pela pesquisa, no sentido de potencializar esta produção, em um contexto marcado pela desvalorização do trabalho no cotidiano e, muitas vezes, de não reconhecimento da própria produção. Na continuidade da intervenção da pesquisa, houve um constante exercício de reflexão sobre a implicação dos trabalhadores naquele processo e nos modos de trabalho da equipe.

O relato sobre o processo e o modo pelo qual este estudo foi sendo delimitado, assim como a definição dos elementos que o constituíram enquanto experiência, podem mostrar como as práticas reflexivas foram sendo – ou não – agenciadas, preteridas ou potencializadas.

Em primeiro lugar, indicamos que a separação entre os turnos de manhã e tarde e os modos de funcionamento da equipe foram produzindo efeitos na pesquisa e no seu relato. A ideia inicial da pesquisa era a de propor um espaço comum a todos os trabalhadores, o que não foi possível em função da distribuição dos horários de trabalho. Já na primeira oficina, houve um pedido, por

parte da coordenação, para a realização de oficinas nos dois turnos, pois os trabalhadores constituíam uma mesma equipe e todos gostariam de participar. Então, foram realizados oito encontros com os trabalhadores do turno da manhã e oito encontros com os da tarde, dando a ver a especificidade da equipe nos dois turnos, pois as equipes mostraram diferentes modos de funcionamento que foram sendo evidenciados nas oficinas.

Os processos e vínculos agenciados pela pesquisa foram diferentes nestes dois tempos (manhã e tarde) e não houve possibilidades de reuni-los e sintetizá-los, colocando a questão de “como juntar na escrita algo que está separado na prática”? Uma das principais diferenças entre as equipes também está relacionada com o tempo: na equipe da manhã a maioria dos funcionários trabalhava no posto e na saúde pública há pouco tempo – em torno de dois meses a três anos – se comparada com a equipe da tarde, na qual as trabalhadoras eram mais antigas – trabalhavam na saúde há mais de quinze anos e muitas estavam em idade para aposentadoria. Além disso, os trabalhadores contratados em regime de emergência e os estagiários de enfermagem desempenhavam suas atividades, geralmente, no turno da manhã, provocando uma passagem e uma circulação de pessoas que ficavam por tempo reduzido no local em relação ao turno da tarde. Este fato gerava diferentes expectativas, ritmos de trabalho e formas de relação com os colegas e usuários, bem como com a própria pesquisa.

Considerando estes modos de trabalhar bastante fragmentados, a própria pesquisa necessitava funcionar nestes espaços e gerar sua própria permanência nestes processos. O espaço para pesquisar foi sendo criado através da estratégia inicial de estar lá e observar, conversar, caminhar, escutar para abrir possibilidades de interlocução e de conexão com os trabalhadores.

Neste período de acompanhamento, as pesquisadoras produziam fotografias sobre questões que as faziam pensar, construindo narrativas de imagens sobre os encontros, as conversas e as cenas mais marcantes, criando um diário de campo visual. Nos momentos em que eram feitas estas fotografias, alguns trabalhadores perguntavam sobre o que estavam fazendo e já apresentava-se a questão da imagem e de seus usos. Uma ferramenta importante, em todo o percurso, foi o diário de campo, no qual eram relatados os acontecimentos do dia, reflexões, colavam-se imagens importantes de modo a utilizá-lo como um interlocutor das análises e dos processos.

Após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética e depois de um período de, mais ou menos, quatro meses, de acompanhamento, conversamos com os trabalhadores sobre a ideia de utilizarmos câmeras fotográficas e fazermos oficinas de fotografia pensando na discussão sobre o trabalho em saúde. Alguns deles estranharam e disseram que as pesquisas que eles conheciam utilizam

questionários e gravadores. Neste sentido, a fotografia constituiu-se como um recurso metodológico interessante e potente, pois provocou um deslocamento de uma visão tradicional de pesquisa, a partir da produção de imagens, ao invés de usar recursos mais comuns como a escrita e a fala. As oficinas de fotografia foram propostas no sentido de intervir nos modos de ver o trabalho e nas linhas de visibilidade produzidas nas relações de poder destas práticas.

Em função da separação prática do trabalho entre manhã e tarde, a trajetória escrita das oficinas manteve este modo de pensar sobre o processo de forma distinta, a fim de possibilitar a análise das singularidades produzidas neste campo. O diário de campo foi sendo constituído pelos relatos das oficinas, evidenciando os processos e reflexões construídos nestes momentos, bem como possíveis análises e entendimentos da pesquisadora, separados no tempo: oficinas do turno da manhã e oficinas do turno da tarde.

Na primeira oficina propusemos uma conversa (com os trabalhadores do turno da manhã) sobre a fotografia e seus usos comuns, o que eles gostavam de fotografar, porque fotografavam e o que faziam com as fotografias. Eles foram se apropriando desta forma de pensar as imagens e foram produzindo uma discussão sobre fotografia onde surgiram temas diversos. Os trabalhadores falaram das coisas que davam visibilidade a seu trabalho: planilhas de atendimento, tabelas de procedimentos, listas de materiais utilizados, entre outras coisas. No entanto, ao conversarem e problematizarem o assunto, surgiram elementos do trabalho que não são visíveis, não são quantificáveis, mas que também constituem o trabalho como a paciência, a calma, a conversa, a técnica, a tristeza quando escutam histórias difíceis, as alegrias de ver casos bem encaminhados, a angústia de não saber o que fazer, entre tantos outros elementos.

Foram apresentadas diversas produções fotográficas, de contextos e de fotógrafos diferentes, com a finalidade de discutir sobre a imagem e problematizar a ideia usual e naturalizada de fotografia como cópia da realidade. Problematizou-se a noção de imagem como produção e não como representação, a partir da percepção de que o olhar é produzido pelas condições e pelos modos de ver de determinadas épocas (condições históricas, sociais, etc.); se o olhar é uma produção, a fotografia é um desdobramento de um modo de ver.

Disponibilizamos diversos livros de e sobre fotografias sobre diversos fotógrafos, como Vik Muniz, Sebastião Salgado, Atget, entre outros, a fim de provocar uma maior sensibilização para o exercício fotográfico. Eles foram olhando em grupos pequenos, trocando os livros entre si e falando das imagens. Quando todos já tinham visto os livros disponibilizados, foram questionados sobre quais fotografias mais chamaram a atenção. No final desta primeira oficina com os trabalhadores do turno da manhã, a coordenação pediu que

também fossem realizadas oficinas junto aos trabalhadores do turno da tarde. Combinamos então que seriam realizadas oficinas de manhã e de tarde, para contemplar o conjunto de profissionais do Ambulatório Básico.

Na segunda oficina com os trabalhadores do turno da manhã, levamos diversas câmeras fotográficas a fim de oferecer a oportunidade de realizar um exercício fotográfico para todos que sentissem vontade, já que a adesão à pesquisa foi voluntária. Alguns estavam em reunião, outros estavam em atendimento e outros tinham disponibilidade. A equipe de pesquisa estava formada por três pesquisadores e nós começamos a fotografar e a distribuir câmeras para quem quisesse participar, lembrando que o exercício estava relacionado com a discussão sobre imagem e trabalho realizado na oficina anterior, indicando que o tema geral das fotografias seria “o trabalho naquele local” e que não poderiam fotografar pessoas, conforme decisão do Comitê de Ética da Secretaria da Saúde da Prefeitura de Porto Alegre.

Não houve um grupo, uma reunião de todos... “Fomos acompanhando o movimento dispersante dos trabalhadores ali, com seus vínculos diversos, tempos totalmente diferentes” (fragmento do diário de campo, p. 19). Cada um pegava uma câmera e fotografava individualmente. O fato de que, neste dia, estávamos entre três pessoas do grupo de pesquisa, facilitou o acompanhamento deste modo de organização que foi sendo proposto por eles. Ficou visível a maneira como eles foram se organizando para fazer as fotografias. “Sem formar um grupo, sem pensar em produzir fotografias em conjunto, cada um pegava a câmera, fotografava várias coisas e passava para o colega. Deixamos a disposição de todos uma câmera descartável, com 27 poses, para quem quisesse produzir fotografias. Vamos ver o que acontece” (fragmento do diário de campo, p. 19).

Um fato surpreendente foi a quantidade de fotografias produzidas nesta oficina. Ao todo foram realizadas mais de cento e cinquenta fotografias (150), durante aproximadamente uma hora, pelos trabalhadores do turno da manhã. As pessoas se interessaram, quiseram fotografar e se envolverem com a proposta, cada um do seu modo, dentro das suas possibilidades. Eles fotografaram muitos objetos, ambientes, materiais de trabalho, colegas de trabalho. A maioria das imagens sobre o trabalho constituía uma expressão de referentes comuns ao universo do posto (cadeiras, mesas, papéis, seringas, cartazes, equipamentos, etc).

A ideia era a de que ao longo do processo da pesquisa e do tempo eles pudessem fazer outro exercício fotográfico, após discussões e produções sobre as imagens realizadas. No entanto, como eles fizeram muitas fotografias, trabalhamos com as que eles produziram neste dia ao longo de toda a pesquisa,

também como uma forma de intervenção, no sentido de valorizar o trabalho, valorizar a produção deles e convocar o olhar e a reflexão sobre esta produção.

Nas oficinas seguintes estas fotografias produzidas pelos trabalhadores constituíram o elemento principal das discussões e das reflexões, exigindo problematizações constantes dos trabalhadores e da pesquisadora sobre o que foi produzido. Dessa forma, a fim de não apresentá-las em forma de relatório descritivo, destacaremos alguns pontos evidenciados nestes encontros que permitem identificar relações importantes com as reflexões sobre o trabalho e os modos de trabalhar.

Os trabalhadores fotografaram diversas coisas, principalmente objetos, material de trabalho, ambientes vazios e a degradação destes ambientes (mofo, lixo, etc). Também fotografaram os colegas de trabalho (sozinhos e em grupo) e alguns usuários. Tais imagens constituíram o principal material de trabalho da pesquisa e foram sendo problematizadas ao longo das oficinas, pensando e discutindo sobre os modos de ver o trabalho. Este exercício foi evidenciando, entre outras coisas, uma interface entre o trabalho e o ambiente de trabalho, ambos separados das pessoas, com uma extrema valorização do espaço físico e do local de trabalho, ou desvalorização do espaço físico, como veremos adiante.

Oferecemos, também, um espaço de oficina para os trabalhadores do turno da tarde. Diferentemente da manhã, onde as oficinas ocorreram na sala de recepção da área 8, fomos recebidos na cozinha, o que já evidenciava um jeito diferente de trabalhar, pois as possibilidades de organização do trabalho são diferentes entre os turnos. Conversamos sobre a pesquisa, sobre o trabalho que já estava em andamento e iniciamos uma discussão sobre o trabalho e a pesquisa.

Inicialmente falamos das visibilidades e invisibilidades do mundo do trabalho, ressaltando os elementos que fazem parte do trabalho, mas que não aparecem. Este assunto disparou uma intensa fala dos trabalhadores ao longo da tarde. Os seis trabalhadores ali presentes, juntamente com a equipe de pesquisa, passaram a discorrer sobre uma série de assuntos importantes que dizem respeito ao que eles fazem. Outras questões que apareceram foram falas gerais sobre o trabalho com uma carga bastante pesada gerando Instabilidade, Angústia, Desmotivação, Cansaço, Falta de reconhecimento e Excesso de mudanças. O grupo referiu que eles estavam vivendo uma fase de mudanças constantes e que ninguém perguntava para eles o que eles estavam achando ou sentindo. Segundo eles: “As coisas vem de cima para baixo, caem de pára-quedas” (fragmento do diário de campo, p. 20).

Outras questões ganharam evidência nesta conversa, principalmente em relação ao trabalho desenvolvido no Ambulatório Básico. Algumas pessoas

demonstraram o desejo de permanecer fazendo aquilo que sabem fazer, referindo-se a um tipo de serviço ambulatorial de atendimento (vacinação, pesagem de crianças, nebulização, etc.) que se mantém neste local. No entanto, este é um movimento contrário às diretrizes da Atenção Básica do SUS, que tende a ampliar a Estratégia de Saúde da Família, potencializar as relações das equipes e profissionais de saúde com o território e a comunidade, rompendo com uma lógica de modelo biomédico, hospitalocêntrico. O que sustenta este Ambulatório na rede de saúde do município?

Enfim, foi uma conversa cheia de angústia, tensões e desabafos. Tantas coisas que não consigo lembrar, mas talvez o que traduza um pouco dessa conversa são essas expressões: “Vou levando do jeito que dá”, “Não aguento mais”, “A gente nunca sabe o que vai acontecer”, “Está muito difícil”, “O momento é de instabilidade”, “Eu sou só um número”, entre tantas outras. Além disso, eu fiz algumas fotografias nesse dia de tarde depois da oficina, por acaso... (fragmento do diário de campo, p. 22).

Abrir um espaço de escuta e de fala para os trabalhadores em um momento cheio de tensões e de mudanças consistiu em um movimento interessante. Eles ocuparam este espaço oferecido pela pesquisa e se abriram para o encontro. Eles precisavam falar. Na segunda oficina da tarde levamos os mesmos livros de fotografia oferecidos para a equipe da manhã. Eles conversaram, principalmente, sobre as fotografias do Sebastião Salgado, as quais mostravam crianças em diversas situações de miséria. Discutiram sobre a miséria nas imagens e no trabalho e sobre a dificuldade de lidar com estas situações, principalmente quando existem crianças envolvidas.

Além disso, o outro livro de fotografias que gerou diversos comentários foi “Marcha dos 100 mil” sobre a ditadura. Conversamos sobre a ideia do autor que foi a de buscar a história de algumas pessoas dentro de uma fotografia da multidão nos movimentos de resistência à ditadura. Esse livro disparou uma conversa sobre as greves, e uma das trabalhadoras (que é servidora pública federal) falou que “a maioria das conquistas da categoria ocorreu em função

¹ Sobre a ESF, é importante ressaltar que: “a Saúde da Família é entendida como uma estratégia de reorientação do modelo assistencial, operacionalizada mediante a implantação de equipes multiprofissionais em unidades básicas de saúde. Estas equipes são responsáveis pelo acompanhamento de um número definido de famílias, localizadas em uma área geográfica delimitada. As equipes atuam com ações de promoção da saúde, prevenção, recuperação, reabilitação de doenças e agravos mais frequentes, e na manutenção da saúde desta comunidade. A responsabilidade pelo acompanhamento das famílias coloca para as equipes saúde da família a necessidade de ultrapassar os limites classicamente definidos para a atenção básica no Brasil, especialmente no contexto do SUS. A estratégia de Saúde da Família é um projeto dinamizador do SUS, condicionada pela evolução histórica e organização do sistema de saúde no Brasil. A velocidade de expansão da Saúde da Família comprova a adesão de gestores estaduais e municipais aos seus princípios. Iniciado em 1994, apresentou um crescimento expressivo nos últimos anos. A consolidação dessa estratégia precisa, entretanto, ser sustentada por um processo que permita a real substituição da rede básica de serviços tradicionais no âmbito dos municípios e pela capacidade de produção de resultados positivos nos indicadores de saúde e de qualidade de vida da população assistida” (BRASIL. Departamento de Atenção Básica. Saúde da Família. 2012).

das greves, que é onde o trabalhador mostra sua força. Elas falaram do absurdo da atual gestão do município, que descontou os dias parados do salário dos trabalhadores que fizeram a última greve” (fragmento do diário de campo, p. 30).

No turno da tarde os trabalhadores fizeram uma combinação de quem participava das oficinas da manhã, durante os encontros da tarde, ficaria atendendo os usuários, e a equipe da tarde poderia participar. A maioria dos encontros ocorreu na cozinha. Na oficina seguinte, levamos as câmeras e convidamos os trabalhadores da equipe da tarde para fotografar. Nem todos quiseram participar. Alguns queriam conversar e outros queriam fotografar. Os principais elementos escolhidos para fotografar nesta oficina foram: objetos e equipamentos do trabalho, ambientes, “coisas bonitas” – árvores do pátio do posto, a degradação do ambiente, como uma forma de denúncia das condições de trabalho, além de fotografias com algumas pessoas da equipe e dos cartazes fixados nas paredes do serviço.

A equipe da tarde foi construindo um processo e uma relação com as imagens diferente da equipe da manhã. As duas questões que mais chamaram a atenção nos dois processos foram: a preocupação em mostrar a produtividade do trabalho nas imagens e denunciar as condições e a degradação do ambiente (mofo nas paredes, lixo, etc) – esta última ganhou evidência no turno da tarde. As pessoas que preferiram conversar “Falaram da angústia... Do excesso de mudanças... Que ninguém avisa nada e as coisas vão acontecendo... Falaram do ponto eletrônico...” (fragmento do diário de campo, p. 34,35).

Nas oficinas seguintes da manhã e da tarde, foram trazidas as fotografias impressas, o que produziu um outro olhar e outras reflexões. Perguntei como elas dividiriam essas fotografias, se era possível aproximar umas das outras, classificar de alguma forma. Elas dividiram as fotografias assim: o caos (o que está sujo, os problemas, os mofos, etc), as coisas do trabalho no posto, e o lado de fora (fragmento do diário de campo, p. 42). Ao falarem das fotografias, os trabalhadores evidenciaram a contradição de se trabalhar em um serviço de atenção à saúde que apresenta um ambiente precário (coisas velhas, lixo, mofo) – principalmente no turno da tarde.

Outra questão recorrente foi a fala de que as “coisas” bonitas estão fora do “posto” (árvores e flores) e ali dentro as “coisas” são feias. Estava bem presente, também, a ideia de fotografar aquilo que incomoda e denunciar, mostrar as condições de trabalho. “Elas falaram que algumas fotografias eram muito significativas e falavam do momento em que elas estão... A fotografia do ponto eletrônico, a fotografia do cartaz sobre “a luta pelas 30hs”.... Falaram que agora é o pior momento, mais tenso, mais precário, que já foi muito melhor. Perguntei: como era antes? Elas disseram que era diferente... Era mais organizado, elas

tinham mais recursos e mais clareza sobre o trabalho, mais segurança sobre o que ia acontecer... As pessoas eram mais unidas. E que agora era a precariedade... que nada era certo... que estava tudo um caos. E que agora vai vir uma reforma e vai ficar tudo uma confusão “ (fragmento do diário de campo, p. 44).

O processo da pesquisa foi finalizado com uma exposição fotográfica que funcionou como uma intervenção, pois colocou em evidência fotografias produzidas e escolhidas pelos trabalhadores. As fotografias foram expostas aleatoriamente, integrando as imagens escolhidas pelos trabalhadores de ambos os turnos. As fotografias foram ampliadas e destacadas em fundos coloridos (cores presentes nas próprias imagens), compondo uma exposição disposta na nova entrada da área 8, após a conclusão da reforma. Esta visibilidade produziu diversos efeitos, provocando estranhamento no próprio olhar dos trabalhadores que já conheciam todas as fotografias.

A partir das fotografias, juntamente com os demais elementos da pesquisa, foram sendo construídos analisadores que evidenciaram as relações e os modos de trabalhar neste local, e que indicam linhas de visibilidade ligadas ao próprio modo de operação da política pública de saúde. Esta política transversaliza as relações, operando nos diferentes equipamentos de atenção à saúde e nos modos de trabalhar. Assim, este estudo não pode ser considerado um “estudo de caso”, pois os jogos de verdade produzidos neste percurso, e consequentemente, os analisadores destacados, estão condicionados às condições de possibilidade históricas, políticas, econômicas e culturais.

As oficinas constituíram, talvez, o processo mais importante do trabalho e o mais tenso. Nesse sentido, nas análises serão identificados alguns analisadores produzidos tanto nos processos da manhã, como da tarde, que indicam sobre os modos de trabalhar neste local: tempo, fragmentação do trabalho, “dentro” e “fora”, a passagem e a implicação com o trabalho. As questões específicas dos grupos da manhã e da tarde serão destacadas como um analisador (divisão entre turno da manhã e da tarde) com a indicação dos seus respectivos elementos.

Analisadores em processo

As análises, nesta orientação metodológica, são produzidas a partir dos analisadores que emergiram ao longo do processo da pesquisa e podem dar visibilidade e provocar os dispositivos que configuram as relações de poder. Neste estudo, os dispositivos (históricos e heterogêneos) indicam sobre a política de saúde como biopolítica e os analisadores evidenciam as experiências dos sujeitos. Dessa forma, a questão que se colocou como importante na pes-

quisa foi analisar como os dispositivos podem ser visibilizados ou provocados neste espaço, através da construção dos analisadores, que podem colocar tais dispositivos e seus efeitos em análise.

Nesta exposição vamos destacar alguns analisadores para evidenciar a relação entre tempo, trabalho e fotografia, como pensar as possibilidades de uma pesquisa como experiência. Destaca-se, entre os analisadores: o que é visto como produção, tempo e seus desdobramentos, passagens: entre usuários, a equipe e a pesquisa, fragmentação do trabalho e a exposição fotográfica como intervenção.

Visibilidades do trabalho: o que é “visto” como produção

Os trabalhadores fotografaram diversos objetos e utensílios que são utilizados nos procedimentos cotidianos: cadeiras, balanças, seringas, tubos de oxigênio, pastas. Estas imagens foram produzidas pelas duas equipes, tendo grande importância nos modos de dar visibilidade para o trabalho. Neste caso, a “produção” do trabalho em saúde e sua visibilidade está fortemente ligada aos procedimentos, aparelhos e objetos, configurando as relações e os modos de trabalhar nestas equipes. As fotografias deram a ver este modo marcante de percepção sobre o trabalho.

Tempo e seus desdobramentos

De diferentes modos, o tempo foi se mostrando como um analisador que atravessou a pesquisa de modo transversal. Havia marcações cronológicas do tempo, como a discussão sobre ponto eletrônico (como organizador do trabalho), a greve dos trabalhadores da saúde reivindicando “30 horas”, os diferentes tempos de experiência dos trabalhadores. Somando-se a essas questões, relações de outra ordem com o tempo que foram sendo evidenciadas: a “velhice” do posto, as práticas ambulatoriais tradicionais e o tipo de espaço físico contrastando com as mudanças preconizadas pelo SUS.

Além disso, nas oficinas foi possível perceber que, muitas vezes, o vazio do trabalho e discurso de “não ter tempo”. Ainda, o tempo da pesquisa emergiu como um tempo de encontros, de provocações, de tensionamentos e transformações. As oficinas provocaram uma intervenção no tempo: nesses agenciamentos entre dizibilidades e visibilidades, nas complexas configurações da equipe e em meio a fragmentação, as oficinas convocaram o olhar sobre o trabalho em um tempo. E nestas relações complexas, foram sendo evidenciadas diversas regularidades nas imagens que dão a ver modos de subjetivação destes sujeitos trabalhadores.

Passagens: entre usuários, a equipe e a pesquisa

Durante a pesquisa, houve muitas mudanças na equipe, com entradas e saídas de diferentes profissionais, provocando uma certa instabilidade. Esses diferentes tempos de permanência na equipe modificam o trabalho, tornando este espaço um lugar de passagem. Além disso, a área 8 é um local que recebe estagiários de enfermagem periodicamente (a cada três meses aproximadamente), supervisores de estágio e residentes de medicina – sendo que alguns estagiários participaram da pesquisa. Este fato reforça o caráter “passageiro” dos profissionais neste local e talvez isso desdobre-se também em relações de trabalho sem muito investimento devido a efemeridade das mesmas.

Sobre esta “passagem” é importante ressaltar que estar ali de passagem talvez seja uma condição posta para todos os sujeitos nesta pesquisa, pois os pesquisadores (e a pesquisa) também estava ali de passagem. Nestas passagens, o trabalho e o campo são configurados por fragmentos e estratégias individuais. A questão que se coloca é: o que fazer com esses elementos e essas condições? A intervenção da pesquisa foi sustentar, neste espaço, uma produção. Sustentar um trabalho ali e convocar os trabalhadores a se reconhecerem e se implicarem com o próprio trabalho; mostrar a produção em um lugar que invisibiliza produções, pois o que fica visível são, principalmente, os procedimentos e as tarefas. No entanto, a condição de estar de passagem não significa provocar, necessariamente, um efeito reativo com o que é produzido.

Fragmentação do trabalho

Os diferentes contratos de trabalho dos profissionais da equipe demonstram uma das configurações do trabalho neste Ambulatório que sinaliza a precariedade dos vínculos tanto entre os profissionais, quanto destes com o regime de trabalho ao qual pertencem (e que regula seu próprio trabalho). No cartaz sobre as 30 horas de trabalho este fato fica evidente: existem trabalhadores Federais, Estaduais e Municipais e há, ainda, trabalhadores com contratos emergenciais, trabalhadores contratados para ações específicas (exemplo: operação inverno); também existem ali estagiários, residentes e professores e pesquisadores de áreas da saúde. Esta configuração fragmentada da equipe, com diversos regimes de trabalho, potencializa a precariedade dos vínculos.

Neste período em que acompanhamos o trabalho, houve muitas trocas de profissionais e diversas vezes, de uma semana para a outra, não se encontrava mais os trabalhadores com quem havíamos conversado e conhecíamos novas pessoas. Isso começou a se colocar como uma dificuldade na construção da pesquisa, pois os vínculos se desfaziam em função da saída das pessoas para

outros serviços e da entrada de novos trabalhadores. Entre o vazio, o excesso e as constantes mudanças, a pesquisa estava acontecendo do jeito que era possível. Investir nesta inconstância e nesta impermanência que configuram uma fragmentação das relações e dos vínculos convocava a apostar que ali seria possível alguma intervenção nos processos de falar e ver o trabalho.

A vivência no campo de pesquisa apontava para uma individualização das práticas, para estratégias de trabalho desvinculadas e fragmentadas devido a uma complexidade de fatores institucionais, políticos e dos modos de relacionamento estabelecido entre os trabalhadores. Em uma reunião de orientação, falando deste contexto, pensamos que teríamos que habitar esta precariedade para pesquisar e este foi o norte de nossa intervenção. A proposta seria trabalhar com o que era possível, com as possibilidades que o campo oferecia, com as pessoas que estavam lá, do jeito que as coisas aconteciam, “habitar a fragmentação”. Isso foi uma intervenção: habitar a precariedade, trabalhar com “o que se tem”. Foi preciso um tempo de trabalho, de encontros, de insistência nos vínculos que incessantemente se desfaziam, para construir um campo de pesquisa e um espaço para propor algum tipo de trabalho que encontrasse ressonância neste lugar. Apostar, investir e insistir...

A exposição como intervenção

A discussão sobre o que fazer com as fotografias produzidas nas oficinas, as quais foram amplamente discutidas nos diversos encontros, constituiu um movimento importante na intervenção junto aos trabalhadores. Esta problematização levou a discutir como eles gostariam de mostrar as fotografias ou não, para quem e com quais objetivos. Desse modo, decidiram mostrá-las da forma como elas foram produzidas, com a finalidade de dar visibilidade para o ambiente e para as precárias condições de trabalho. A escolha das fotografias que ganhariam visibilidade em uma exposição fotográfica não foi um processo fácil, pois houve uma intensa produção de imagens.

Nos dois turnos foi realizado o exercício de selecionar quais seriam expostas, pensando os motivos que faziam com que determinadas imagens fossem escolhidas e outras não e com qual finalidade. Nas duas “equipes”, foram escolhidas 28 fotografias (entre as mais de 200 produzidas), as quais podem indicar modos de ver o trabalho. No turno da manhã os trabalhadores escolheram as imagens pensando em mostrar os equipamentos de trabalho, os procedimentos e o ambiente, tendo sido escolhidas 30 fotografias, das quais apenas 14 foram expostas. No turno da tarde, a escolha das fotografias para a exposição teve relação com o exercício de escrever sobre as imagens, destacando-se, principalmente as que mostravam a precariedade do ambiente de trabalho, sendo selecionadas outras 14.

Para a realização da exposição, ampliamos as fotografias eleitas e intervimos na apresentação visual das mesmas, escolhendo diversas cores como pano de fundo de cada uma. As cores estavam presentes em pequenos detalhes nas próprias fotografias, e potencializamos estas cores, colocando-as como pano de fundo e moldura. O efeito produzido pela exposição indicou que esta constituiu um momento de contemplar o próprio trabalho de uma outra forma e sob outro ponto de vista, pois os trabalhadores se interessaram em ver e contemplar as fotografias, surpreendendo-se com as mesmas. Além disso, a exposição demarcou um novo espaço, pois foi realizada na inauguração do Ambulatório após a reforma, fixada na nova entrada da Área 8.

Considerações sobre a experiência na pesquisa

Podemos pensar que os três elementos apresentados no início do percurso deste estudo, quais sejam, trabalho em saúde, tempo e fotografia potencializaram as problematizações provocadas pelos analisadores e geraram deslocamentos na pesquisa. A fotografia interviu no tempo do trabalho, convocando uma sustentação do olhar sobre o trabalho, o espaço e constantes reflexões dos sujeitos sobre si.

A pesquisa só foi possível a partir do entendimento deste processo como uma experiência, se entendermos por experiência aquilo que nos aponta Ortega (1999, p. 43), “a experiência constitui algo do qual se sai transformado. A experiência constitui uma práxis espiritual ou ascética, ou seja, as transformações que deve experimentar o sujeito para alcançar outra forma de ser”.

Pensando na pesquisa como uma ascese (Prudente & Tittoni, 2014), no sentido apresentado pelos gregos (como um exercício de si), as estratégias agenciadas pela pesquisa intervenção e pela intervenção fotográfica produziram uma experiência tanto dos pesquisadores como dos sujeitos do território, que se misturaram na produção das imagens. Dentro da fragmentação do trabalho e dos vínculos, nas condições de possibilidade apresentadas em meio a reformas e greves, a pesquisa possibilitou um olhar e uma reflexão, deslocando os sujeitos e convocando uma sustentação de um olhar, um tempo para pensar.

O processo da pesquisa foi sendo construído entendendo as práticas como produzidas nos jogos de verdade que configuram modos de ser sujeito trabalhador da saúde, provocando a experiência que também transforma o pesquisador. Tais práticas indicaram formas de lidar com o tempo e o trabalho no contexto da saúde pública, designando relações conservadoras, individuais e pouco reflexivas, em uma lógica predominantemente moral e prescritiva, na qual o ambiente de trabalho (como discurso) exerce grande influência.

De forma sutil, no espaço das micropolíticas, os tensionamentos provocados produziram efeitos e problematizações, culminado em uma exposição fotográfica que deu visibilidade para as produções dos trabalhadores nas oficinas, que convocaram outros olhares sobre o mesmo espaço. O tempo, o trabalho e a fotografia se encontraram com a pesquisa produzindo uma sustentação de um tempo de olhar, ou seja, uma experiência.

Referências

- AGUIAR, K. F. de; ROCHA, M. L. da. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Psicologia Ciência e Profissão*, vol. 23, n.4, p. 64-73, 2003.
- FOUCAULT. M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- ORTEGA, F. (2009). *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal.
- PRUDENTE, J; TITTONI, J. A pesquisa intervenção como exercício ético e a metodologia como paraskeuê. *Fractal: Revista de Psicologia*, vol. 26, n. 1, p. 17-28, Jan./Abr. 2014.
- TITTONI, J. (Org). *Psicologia e fotografia: experiências em intervenções fotográficas*. Porto Alegre: Dom Quixote, 2014.

Submissão em: 20 /08/2014

Revisão em: 15/02/2015

Aceite em: 30/03/2015

Jaqueline Tittoni é professora do Instituto de Psicologia e Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

E-mail: jatittoni@gmail.com

Jéssica Prudente é psicóloga, mestre em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

E-mail: jessiprud@gmail.com